

ARTIGO

PAN-AFRICANISMO: MOVIMENTO ECONÔMICO, POLÍTICO E CULTURAL PELA DIGNIDADE E HUMANIDADE DE AFRICANOS E SEUS DESCENDENTES

Henrique Cunha Junior¹

Resumo: O artigo trata de uma breve retrospectiva do movimento intelectual, sindical e político do Pan-africanismo. Demonstra-se através da produção literária, que as ideias de descolonização e autonomia do pensamento com relação ao ocidente foram lançadas a mais de dois séculos e que a literatura sobre esses temas ficou encobertas na literatura atual que se autointitula como inovadora, radical e crítica. A crítica à denominada colonização europeia e às posturas de dominação eurocêntrica são antigas e perfazem uma longa trajetória histórica, dentro e fora do continente africano. Conclui-se que muito do pensamento brasileiro que tem sido apresentado como inovador, somente assim é considerado pelo proposital desconhecimento sobre as produções passada dos pan-africanistas e dos movimentos negros em geral.

Palavras-chave: Pan-africanismo; movimento anticolonial; pensamento africano; movimentos negros.

PAN-AFRICANISM: AN ECONOMIC, POLITICAL, AND CULTURAL FOR THE DIGNITY AND HUMANITY OF AFRICANS AND THEIR DESCENDANTS

Abstract: This article provides a brief retrospective of the intellectual, trade union, and political movement of Pan-Africanism. It demonstrates that, through literary production, the ideas of decolonization and autonomy of thought in relation to the West were launched over two centuries ago, and that literature on these themes has been obscured in contemporary literature that describes itself as innovative, radical, and critical. The article demonstrates that criticism of so-called European colonization and the positions of Eurocentric domination are ancient and encompass a long historical trajectory, both within and outside the African continent. It concludes that much of the Brazilian thought that has been presented as innovative is only considered as such due to a deliberate lack of understanding of the past productions of Pan-Africanists and Black movements in general.

Keywords: Pan-Africanism; anti-colonial movements; African thought; thought of Black movements.

¹ Doutor em Engenharia Elétrica pelo Instituto Politécnico de Loraine (França). Docente da Universidade Federal do Ceará.

1. INTRODUÇÃO

1.1-Pan-africanismo: a forma de pensar, organizar e atuar das revoluções das populações africanas e negras no mundo.

Falar de pan-africanismo é falar da minha família e dos ensinamentos cotidianos realizados pelos meus pais, no sentido de formar a minha personalidade a partir dos valores da população negra, baseados na integridade do ser humano, no respeito à comunidade humana, na integração com a natureza e no constante combate à mentalidade racista antinegro predominante na sociedade brasileira.

Minha família participou do movimento pan-africanista desde 1904, em pequenos grupos na cidade de São Paulo, tendo como intelectuais de referência Luiz Gama, Quintino de Lacerda e Marcus Garvey. Esses foram os heróis de repetidas histórias que a minha mãe e o meu pai sempre repetiam, repetiam sempre com ênfase na persistência da altivez e da dignidade do ser humano em relação às imposições de um sistema racista antinegro.

Os associativismos e as reuniões de grupos por causas comuns eram a segunda parte das aulas de renascimento africano que pedagogicamente atravessou toda a minha infância e juventude.

Defendíamos o socialismo africano como forma de gestão da sociedade. Eu não entendia direito porque tínhamos severas divergências com as pessoas negras que eram do partido comunista mas observava que eram divergências respeitadas antes de tudo, porém fundamentais. Somente, quando adulto é que essas marcas políticas se traduziram em consciência política. O partido comunista não tinha apoiado na sua integralidade nenhuma das proposições dos movimentos negros, isto porque eles acreditavam que lutavam por uma causa maior. Daí, passei a entender porque meus pais os chamavam gentilmente de prepotentes, visto que eles entendiam o modelo marxista como superior aos nossos modelos de luta social, política, econômica e cultural.

A cultura das populações negras em minha casa era parte de um santuário imaginário ao pé do qual todos os dias fazíamos as nossas reverências de vida e de consciência de existência, como seres humanos num mundo que negava a nossa humanidade e de marxistas que negavam a nossa inteligência como proponentes de soluções para a sociedade brasileira e para as nações no mundo.

Defendo hoje o pan-africanismo como a "forma de pensar e atuar" das populações negras nas lutas pela dignidade humana de africanos e descendentes. Essa foi uma síntese que eu não compreendia e demorei para compreender que mesmo os movimentos de esquerda no Brasil, se negavam a reconhecer a nossa competência propositiva e atuante de lutas sociais, culturais, políticas e autônomas.

A autonomia de pensamento em relação ao pensamento ocidental hegemônico, tanto da direita quanto da esquerda, tanto dos liberais como dos marxistas, foi a pedra angular do pensamento pan-africanista. Fui criado vivendo os movimentos negros da antiga Associação Cultural do Negro de São Paulo, da qual meu pai foi um dos fundadores, presidente por quatro anos e atuante militante. Associação que existiu de 1950 a 1968. Eu nasci em 1952. Nas associações havia grandes embates políticos, discussões acaloradas em termos dos destinos das lutas dos movimentos sociais no Brasil e no mundo. Discussões que tornaram-se mais silenciosas depois de 1964, mas tratavam de coisas grandes, a exemplo, elegerem um deputado negro, o Dr. Esmeraldo Tarquínio, a governador do estado. Fato este frustrado pelas cassações políticas realizadas pelo regime militar. Discussões, que eram difíceis devido posicionamentos de negros comunistas, que eram membros da Associação Cultural do Negro, dos quais alguns foram fazer universidade na antiga União Soviética, cuja principal dificuldade no debate não era apenas o estado militar, mas as nossas divergências de fundo em relação à ditadura do proletariado e à luta armada que eles pregavam. E ainda em relação a grande religiosidade das populações negras, religiosidade do catolicismo de preto ou das religiões de

matriz africana, religiosidade que era para nós fundamental e para eles totalmente desnecessária.

2- DESCOLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO

Os europeus invadiram, destruíram e saquearam o continente africano por um longo período da história mundial. Produziram o empobrecimento e o atraso econômico do referido continente através de diversos fatores. Minaram o continente com a exportação da mão de obra para os sistemas de escravismos criminosos nas Américas e na própria Europa. Destruíram populações (mataram mais de 20 milhões de pessoas entre 1890 e 1920), acabaram devido aos bombardeios, com mais de 100 cidades e sufocaram nações para conseguirem invadir e dominar totalmente o continente, depois da Conferência de Berlin de 1885. Uma carnificina e destruição maciça que os europeus denominaram ironicamente de colonização africana. Impuseram transformações e mudanças de pensamento. Impuseram a várias gerações, ideias e modos de vida com base na civilização europeia e na organização social europeia. Processo muito bem descrito e analisado pelo intelectual guianense Walter Rodney em seu livro intitulado “Como o Europeu Subdesenvolveu a África” (RODNEY, 1974). A presença sistemática de europeus governando as nações africanas é denominada como período da catástrofe africana (CUNHA JUNIOR, 2020). Marimba Ani, filósofa norte americana radicada no Quênia, denominou em seu livro de 1987, esse período como "Maafa", terminologia que na língua Suarili, significa "desastre" ou "tragédia". A Maafa descreve a história de opressão e violência contra o povo africano, sendo uma obra chave para entender as terríveis consequências das invasões europeias.

Na sequência histórica, após a década de 1950, houve a era das independências africanas, período no qual os pensadores africanos se questionaram sobre como reverter a mudanças de mentalidade imposta pelos europeus, fato muito vigente nas grandes cidades africanas. Nessa direção foi

produzido pelo menos dois trabalhos significativos sobre como descolonizar as mentalidades dos povos africanos e afrodescendentes, a saber, o livro de Kwame Nkrumah intitulado: *Consciencism: Philosophy and Ideology for De-Colonisation* (NKRUMA, 1970). E a obra piramidal do pensador e escritor queniano Ngũgĩ wa Thiong'o com o título: *Decolonizing the Minds*, de 1987 (THIONG'O, 1987). Esses livros dentre vários outros mostram que a história de descolonizar ou decolonial foi uma ideia do pan-africanismo, ideia antiga, com práticas e profundidade conceitual bastante avançada em relação ao que vem sendo apresentado na atualidade como inovador.

Os territórios do Caribe de língua holandesa produziram um fortíssimo movimento anti colonialismo, nacionalismo e decolonização entre os anos de 1930 a 1960 (GROENEWOUD, 2021). Também no Caribe de língua inglesa as ideias de independência, autonomia e descolonização tem raízes profundas nos movimentos populares sindicais de 1938 como demonstra Anthony Bogues em seu artigo da revista "Interventions" (BOUGUES, 2010). Ainda os movimentos do Caribe de língua inglesa produziram grandes trabalhos sobre as identidades nacionais, usos das línguas criolas na educação e o combate ao eurocentrismo (NETTLEFORT, 1970;1979).

No continente africano a descolonização, o uso das línguas nacionais na educação e profunda valorização das culturas nacionais foi parte de um intenso debate iniciado em 1950, tendo contribuições importantes como da filósofa nigeriana Sophie Oluwole, que com base no Ifá e no pensamento africano pensou a transformação da educação no período do pós-independência (BUXTON; WHITING, 2020). Ela faz uma fortíssima defesa da filosofia oral africana, mostrando que a filosofia ocidental também tem a sua raiz oral. Para ela, Orunmila é o pai da filosofia africana, isto muito anterior a Sócrates, mentor da filosofia grega, salienta-se que seu trabalho foi escrito a partir da oralidade.

No Brasil, na década de 1970, os processos de descolonização das mentes resultaram numa grande mudança política dos movimentos negros brasileiros através dos movimentos denominados de consciência negra

(PEREIRA, 2000), cujos resultados foram a valorização da cultura negra, a discussão da importância do legado das religiões de matriz africana para a população negra e o desenvolvimento de uma literatura negra cujo o núcleo mais conhecido são os cadernos negros editados desde 1978. Tanto o candomblé como o marxismo avançaram muito na discussão do pensamento negro nesse período. As mudanças de mentalidade se encadearam com a discussão sobre quilombos e movimentos quilombolas, encabeçados por escritores como Clovis Moura, Beatriz Nascimento e Joel Rufino. Nessa formação intelectual brasileira dos movimentos negros o pensamento mais radical era de Guerreiro Ramos que escreveu sobre a patologia social do branco brasileiro que se pensava como europeu e não como brasileiro em um país de maioria de população negra (RAMOS, 1955). Guerreiro Ramos também criticou fortemente os intelectuais brasileiros devido seus posicionamentos eurocêntricos e desconectados da realidade brasileira. Ainda, esse intelectual propôs a formação de uma sociologia brasileira de ação e não apenas de análise.

Na América Latina, a igreja católica sofreu uma mudança significativa entre os anos de 1960 e 1970 que resultou na Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla no México, em 1979. A igreja se pronunciou a favor dos povos, criando pastorais populares dentre essas, as pastorais da população negra. Essa pastoral somou-se às mudanças empreendidas pelos movimentos de consciência negra e produziu um enorme crescimento dos movimentos negros. Foi um grande movimento de descolonização da igreja e de orientação no combate ao racismo antinegro na igreja católica. A igreja e os movimentos negros fizeram uma forte mudança estética e conceitual em direção à africanidade. Houve uma afluência de padres e freiras negros e negras, o que era difícil em décadas anteriores, dentro desta mudança, as mudanças de temas e de incorporação do catolicismo de preto, até então rejeitado pela igreja católica.

3- O CONTINENTE AFRICANO POSSUI UMA LONGA HISTÓRIA.

As escritas da antiguidade do vale do Nilo, entre os impérios denominados de Etiópia, Núbia e Egito (denominações em formato atual da história) foram civilizações de escritas entre as primeiras da humanidade, fato que comprova que registros escritos da história do continente africano tiveram início há 6000 anos atrás, através dos hieróglifos (CUNHA JUNIOR, 1999). Também nessa direção tem-se a escrita Aramaica da Etiópia, denominada de Ge'es, que é uma escrita antiga, de 2000 anos antes da era cristã, que é falada e escrita até os dias atuais (CUNHA JUNIOR, 2007). Uma escrita que registra parte da história judaica e foi utilizada para a escrita da bíblia cristã (AYELE, 1994). Várias foram as formas escritas africanas do passado, sendo que parte da história africana foi escrita em Árabe devido a expansão do Islã no continente africano e da instalação das escolas Islâmicas depois do século 8.

Havia no passado, antes das invasões europeias, histórias das diversas nações africanas, no entanto os intelectuais europeus do século 18 e 19 afirmavam que o continente africano não tinha história. Mesmo os intelectuais marxistas comungavam com essa absurda ideia racista antinegro que o continente africano não tinha história. Eles consideravam o continente africano a-histórico. Em resposta a essa agressão intelectual racista é que foi organizada, inclusive por pan africanistas que influenciaram diretamente, a História Geral da África, publicada pela UNESCO em 1983. Portanto, uma das grandes contribuições dos pan-africanistas foi a organização dessa História do continente, material que permanece pouco utilizado e pouco citado nos estudos realizados no Brasil sobre as populações africanas e dos descendentes dessa (CUNHA JUNIOR, 2020). Inclusive, existe na atualidade movimentos de intelectuais brancos que se intitulam como não eurocêntricos e se denominam como pós-coloniais, anti-coloniais e decoloniais, que continuam muito desinformados sobre a história africana e mais ainda sobre o pensamento africano e pan-africano. Lembrando também que o pensamento científico,

histórico e teológico islâmico também realizou uma produção fortíssima de ideias (AMIN, 1989).

4- AS PRÁTICAS PAN-AFRICANISTAS

Os movimentos pan-africanistas se organizaram oficialmente em 1900, através de um congresso em Londres. Sindicalistas, militantes dos movimentos de combate ao racismo antinegro, artistas, intelectuais e formuladores de políticas de independência africana formaram o movimento. As discussões principais foram sempre a autonomia política dos países africanos, a unidade africana, o combate ao racismo e os projetos educacionais e econômicos. Os pan-africanistas sempre se preocuparam com a economia e o trabalho como vetores importantes para a produção de uma vida digna.

As invasões europeias, a ocupação e dominação no Continente africano, os escravismos criminosos e as suas consequências, dentre as quais estão o racismo antinegro estrutural e o combate ao eurocentrismo foram sempre formas de limitar, diminuir ou restringir a dignidade e a liberdade humana das populações africanas e afrodescendentes, portanto produziram um enorme elenco de ações dos movimentos pan-africanistas.

Algumas figuras são destaque no Pan-africanismo, a exemplo Marcus Garvey, pelo seu pensamento educacional e econômico (GOMES, 2020), Anne Julia Cooper, pelo feminismo da mulher negra no século 19 e 20 e pela defesa dos direitos humanos com sua crítica à noção de direito francês (XAVIER, 2013), (ALENCAR OYÁTÒSÍN; CUNHA JUNIOR, 2024), Anthenor Firmin, pelos estudos de antropologia positiva no século 19 que desbancou todas as teorias racistas (FIRMIN, 1885), Kuame Nkruma, pelos pensamento filosófico e econômico e pela questão da unidade africana (NKRUMA, 1970), Marimba Ani, como filósofa e pela sua crítica a personalidade do europeu (ANI, 1987), Edouard Glissant, pela forma de produzir a identidade e suas propriedades (GLISSANT, 1957), Theofilo Obenga, pela formação sobre história africana e

matemática no antigo Egito, além da crítica à produção africana com base nos modelos europeus de ciência (OBENGA, 2000; 1990), Cheike Anta Diop, pelos estudos que colocaram os africanos como os primeiros civilizadores da humanidade (DIOP, 1955), Luiz Gama, pela jurisprudência antiescravista e pelo projeto de abolição com políticas públicas para as populações negras (SILVA, 2024), Juliano Moreira, pelos memoráveis trabalhos contra o racismo científico antinegro e pela sua luta pela reforma dos manicômios e pela psiquiatria brasileira (MOREIRA, 1922; 1896), Manoel Querino, pioneiro na ruptura com o pensamento eurocêntrico, ao propor em 1918 o africano como colonizador do Brasil (QUERINO, 1918), Guerreiro Ramos (RAMOS, 1995) e Clovis Moura pela proposta de produção de uma radical historiografia brasileira (MOURA, 1990), Helena Theodoro pelos estudos culturais e filosóficos (THEODORA, 1985) e Leda Martins por seus conhecimentos e formulações sobre a cultura afro (MARTINS, 1997).

Esta lista mínima acima se faz necessária para afastar as abordagens superficiais e desprovida de questionamentos muito em voga na atualidade. As abordagens dos pensamentos de interesse da população negra não se resumem à meia dúzia de autores atuais. Muitas das referências cultuadas como novas na atualidade são reproduções de estudos anteriores desconhecidos por grande parte dos acadêmicos brasileiros e latino-americanos. Salienta-se que nessa relação de referências muito simplificada não foram abordados nem os estudos caribenhos, nem os islâmicos.

3. CONCLUSÃO

O pan-africanismo sempre foi invisibilizado na literatura ocidental e em particular no Brasil, devido ao brancocentrismo brasileiro, lugar no qual as instituições, políticas são de dominação branca, como referência de análise; para entender tal fato histórico basta ver as composições das diretorias dos partidos de esquerda no Brasil e na América Latina.

A população negra e o pensamento intelectual negro são sempre tidos como secundários de um valor relativo menor, considerado como outros pensamentos, outras populações, que na perspectiva de outras ficam sempre na comparação com o modelo eurocêntrico dominante e predominante (BERNAL, 1987). Predominante pela quase exclusividade. Mesmo os grupos ditos renovadores, avançados ou populares, de um modo geral não fogem a estas máximas. São sempre formados na filosofia grego-romana-ocidental e acreditam nesta como fundantes do pensamento científico. Desconhecem a geografia e a história da humanidade em toda sua amplitude. Além de desconhecerem, evitam raciocínios questionadores sobre estes fatos. Operam como renovadores do pensamento em um campo avançado, quando na realidade repetem projetos antigos sobre nova formulação, invisibilizando os projetos antigos. Os grande e importantíssimo movimentos dos países não alinhados desaparecem totalmente da literatura, parece que não existiu (NAM, 1989;1990). Retomam à problemáticas já tratadas quanto às populações negras e africanas , sobre o título de raça e condenando a dominação ocidental de maneira moderada, sem criminalizá-la e sem uma proposição de reposição dos escambos, reposição no sentido amplo tanto das propriedades como dos postos políticos nas diversas instâncias das administrações, na paridade dos currículos etc. Oferecem pequenas mudanças num cenário político que nunca houve mudanças e isto seduz, sem, contudo, resolver as problemáticas (SOUZA; MARTINS; CUNHA JUNIOR, 2020).

A produção científica faz parte das instâncias de poder (KUHN, 1987). Reconhecê-la na amplitude seria uma revolução científica. Entretanto, liberais e conservadores, marxistas e positivistas, relutam constantemente e promovem um projeto científico que produz uma equidade na utilização dos conhecimentos. Nos atalhos copiam partes dos nossos projetos passados e apresentam como novos, como parte da inclusão pela diversidade, como formas de novas epistemologias. Cientes e conscientes que bastam propostas como as do pan-africanismo. Sabem que a renovação da ciência é promovida

pelas rupturas teóricas e conceituais, mas oferecem apenas mudanças epistêmicas, que na realidade pouco interessa e pouco modifica, apenas liberam temas anteriormente reprimidos, nada mais que isto, sem consistência para mudanças significativas do pensamento, visto que as bases estruturais são mantidas. Acrescenta-se ao passado consolidado na literatura eurocêntrica, um ou dois africanos, uma ou duas mulheres negras e alguns quilombolas, alguns indígenas e propagam como revolução, que não é e nem será, nada além do entusiasmo de uma juventude sufocada, que depois de contemplada voltará à procura de soluções, mas o poder foi mantido, brancocêntrico como de formação do pensamento nacional científico crítico.

O movimento pan-africanista foi importante para organização e luta das populações negras no mundo. Participou e alimentou o pensamento de um grande movimento que foi os dos países não alinhados entre 1950 e 1970, e que a literatura atual ignora totalmente, principalmente pela crítica realizada sobre o marxismo imperialista da antiga União Soviética (NAM, 1989;1990). O pan-africanismo também inspirou as bases da unidade africana que resultou na União Africana. O pan-africanismo foi um dos responsáveis pela recuperação da filosofia e da história africana. Como também estabeleceu a dignidade internacional com respeito às religiões de base africana no mundo. A História Geral da África, uma enciclopédia pouco valorizada nos meios acadêmicos brasileiros é um dos monumentos erguidos pelo pan-africanismo na cultura mundial.

Sinalizo que este artigo é apenas uma reduzida amostra das contribuições do pan-africanismo que não estão evidenciadas na literatura atualmente divulgada pelos movimentos revisionista do passado criminoso eurocêntrico. Lembrando que uma vultosa literatura de grande importância foi produzida por demais movimentos revolucionarias aqui não citados, como o rastafarianismo, os movimentos islâmicos asiáticos, os movimentos do pensamento indiano e chinês.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR OYÁTÒSÍN, Yohana; CUNHA JUNIOR, Henrique. A contribuição de Anna Julia Cooper para o ensino jurídico: Igualdade de gênero, raça e direitos civis. In **:Actas Completas e Resumos da 11ª Jornada Virtual Internacional em Pesquisa Científica: Educação, Cultura e Poder.** – Porto : Editora Cravo, 2024.
- AYELE, Bekerie. Ethiopic: **History, principles and influences of na African writing system** . Doctoral dissertation. Phaladelphia, PA: Temple University, 1994.
- AMIN, Samir. El **Eurocentrismo**. Crítica de Una Ideología. México: Siglo XXI Editores. 1989.
- ANI, Marimba. **Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior.** Africa World Press. 1987.
- BERNAL, Martin. **Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization.** New Brunswick: Rutgers University Press, 1987 (primeiro volume).
- BOGUES, Anthony. **“HISTORY, DECOLONIZATION AND THE MAKING OF REVOLUTION: Reflections on Writing the Popular History of the Jamaican Events of 1938.”** Interventions 12, no. 1 (2010): 84.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. **História Africana na Formação dos Educadores.** Maringá: Cadernos de Apoio do Ensino, número 6, 1999.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online)**, v. 225, p. 10, 2020
- CUNHA JUNIOR, Henrique. **O Etiope** :Uma escrita africana. Educação Grafica. 2007.
- DIOP, Cheike. **Nations nègres et culture, Paris:** Éditions Africaines. Second edition, 1955.
- FIRMIN, Joseph Auguste Anténor. **De l'Égalité des races humaines:** anthropologie positive. Paris: Librairie Cotillon, 1885.

GOMES, Fábio Florenço. **Um Só Destino: Exame Histórico Sobre o Pensamento Educacional e Político de Marcus Garvey (1887-1940)**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, 2020.

GLISSANT, Edouard. La lezard. 1957. **A desconstrução da dominação eurocêntrica na martinica**.

GROENEWOUD, Margo. **Decolonization, Otherness, and the Neglect of the Dutch Caribbean in Caribbean Studies**. Small Axe A Caribbean Journal of Criticism · March 2021.

KUHN, Thomas. **A estrutura da revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva - 1987. (a edição em ingles de 1963).

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. 1997.

MOURA, Clovis. **As injustiças do Clio: O negro na historiografia brasileira**. Editora Dandara. 1990.

MOREIRA, Juliano. **A luta contra as degenerações nervosas e mentais no Brasil** Comunicação apresentada no Congresso Nacional dos Práticos-Brasil Médico 1922;II:225-6.

MOREIRA, Juliano. **"Sífilis maligna precoce"**. Tese de doutoramento. 1896.

NETTLEFORT, Rex. **Caribbean Cultural Identity: An Essay in Cultural Dynamics**. Center for Afro-American Studies and UCLA Latin American Center Publications. 1979.

NETTLEFORT, Rex. **Mirror Mirror: Identity, race and protest in Jamaica**. William Morrow Publisher. 1970.

NKRUMA, Kwane. **Consciencism: Philosophy and Ideology for De-Colonisation (1970)** ISBN 0-901787-11-6.

NAM S&T CENTRE. **Centre for Science and Technology of the Non-aligned and Other Developing Countries**. The Non-Aligned Movement (NAM). 1989.

NAM S&T CENTRE. **Genesis**. NAM, Non-Aligned Movement. General Background. 1990.

OBENGA, Theofilo. **Africanismos eurocêntrico**. Luanda ,2012. (critica ao africanismo feito com bases eurocentricas).

OBENGA, Theofilo. **O sentido da luta contra o africanismo eurocentrico**. 2000.

OBENGA, Theofilo. **La Philosophie africaine de la périodophaonique** – 2780-330 avant notre ère, Paris: L'Harmattan, 1990.

PEREIRA, Amauri Mendes. Cultura da Consciência Negra. **Pensando a construção da identidade nacional e da Democracia no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2000.

QUERINO, Manoel. **O colono africano no Brasil**. Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. 1918.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Patologia social do "branco" brasileiro**. Publisher, Jornal do Commercio, 1955 ; Length, 28 pages.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução critica a sociologia brasileira** (primeira edição 1950). Editora da UFRJ, 1995.

RODNEY, Walter. Como o europeu subdesenvolveu a África. Edição portuguesa 1974.

SILVA, Bruno Rodrigues. **"Luiz Gama contra o Império"**. 2024.

SOUZA, M. A. de ; MARTINS, L.C.P. ; CUNHA JUNIOR, H. . Há uma verdade única e absoluta a respeito do conhecimento? **REVISTA PHILOGUS**, v. 26, p. 103, 2020.

THEODORO, Helena. **O negro no espelho**: Implicações para a moral social brasileira do ideal de pessoa humana na cultura negra. Univesidade Gama Filho. 1985.

THIONG'O, Ngũgĩ wa. Decolonizing the Minds. 1987.

XAVIER, Giovana. Esculpindo a **"Nova Mulher Negra"**: feminilidade e respeitabilidade nos escritos de algumas representantes da raça nos EUA (1895-1904). Cadernos pagu (40), janeiro-junho de 2013:255-287.